IFE Informativos Eletrônicos do Setor Elétrico
ISSN 1678-6130
GESEL Grupo de Estudos do Setor Elétrico UFRJ

A COP30 será a última?[1]

José Eli da Veiga[2]

Não, mas deveria. De um lado, por ter sido nula a contribuição da Convenção do Clima (UNFCCC) em seus 33 anos de vigência. De outro, por se mostrar ainda mais impotente diante do que vem por aí.

A fortíssima inércia institucional e o adverso ambiente geopolítico conspiram para que tal avaliação não venha sequer a ser cogitada por algum dos muitos milhares de participantes. Em grande maioria, estarão lá para defender ideais e interesses dos mais legítimos, mesmo que irrisórios, se comparados aos malefícios do aquecimento global.

O balanço desses três decênios do regime climático não seria tão negativo se - ao menos - tivesse começado a desacelerar a elevação da temperatura. No entanto, esta é a única e "catastrófica" exceção entre todas as tendências estruturais comparáveis ao crescimento populacional. E a temperatura só não perde tração por responder a desastroso aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE).

> Ao contrário do consagrado Protocolo de Montreal, de 1987, a Convenção do Clima envelheceu mal

São tantas as evidências da nulidade da UNFCCC, que fica impossível decidir qual delas seria a mais simbólica. Melhor, então, escolher entre as mais recentes. Por exemplo, o panorama do financiamento dos combustíveis fósseis divulgado, há poucos dias, pelo relatório "Banking on Climate Chaos", de 62 páginas. Que mostra o completo fracasso do que é considerado o ápice do regime climático: o Acordo de Paris, de 2015.

Olhando-se para a frente, a principal pergunta só pode ser acerca dos prováveis efeitos da Inteligência Artificial (IA). O que mais tem sido destacado no noticiário só tende a piorar o balanço: altíssimo aumento da demanda energética pelos "data centers". Porém, a IA também impulsionará a emergência e adoção de inovações amigáveis. Ampliar as capacitações humanas tende a ser seu sentido mais geral.

Algo que já é bem visível no crescente acesso individual a "robôs de conversa" e em espetaculares proezas na área médica. Mas, pouquíssimo ou quase nada, por enquanto, nos domínios bem mais intrincados em que podem ocorrer descarbonizações.

Um deles é o da eficiência energética. Sensores inteligentes e algoritmos preditivos certamente facultarão ajustes do uso de energia em tempo real,

---

[1] Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em: https://valor.globo.com/opiniao/coluna/a-cop30-sera-a-ultima.ghtml Acessado em 27.06.2025

[2] Professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP.

reduzindo desperdícios e melhorando os desempenhos de máquinas e edificações.

Outro se refere à rastreabilidade das emissões. Será possível estimar com mais precisão as indiretas, como a dos fornecedores, propiciando decisões incomparavelmente mais eficazes que as atuais.

Graças a análises de milhões de dados em tempo real, muito se poderá progredir na identificação das melhores maneiras de se reduzir, tanto o próprio consumo de energia, quanto as emissões de complicadas cadeias de produção.

No entanto, nada disso será mais importante do que a influência que a IA decerto terá no surgimento do que tem sido chamado de “economia circular”, em oposição à herança milenar do padrão “extrair-produzir-descartar”. No futuro, os produtos precisarão ser repensados, desde o início, para: durarem mais, serem reutilizados e voltarem ao ciclo produtivo como matéria prima.

Por um bom tempo, a economia circular continuará a fazer parte dos nossos sonhos. São imensos os desafios tecnológicos, para os quais os conhecimentos mal começaram a engatinhar. O mesmo deve ser dito sobre a falta de infraestrutura. E nem se vislumbra qualquer tipo de ruptura com o mandamento “usar e descartar”.

Nada disso poderá começar a mudar na ausência de ambiciosas regulações e políticas públicas, que, por sua vez, ainda são, ao contrário, estimuladas por “regras do jogo” correspondentes à consolidação das conquistas obtidas pelo padrão de crescimento econômico dos últimos oitenta anos.

Com certeza, muitos outros regimes de cooperação internacional, além do climático, também precisarão de mudanças radicais, antes que se abram os caminhos ao aproveitamento das melhores promessas da IA. Porém, para o Antropoceno, nenhum deles tem importância comparável à da Convenção do Clima.

Só pode ser obsoleto qualquer tratado multilateral que, por décadas, não tenha passado por sistemáticas revisões. Na contramão do consagrado combate ao buraco da camada de ozônio, o Protocolo de Montreal, de 1987, a Convenção do Clima envelheceu tanto que mal serve como peça de museu.

Nada permite supor, infelizmente, que, na COP30, alguma delegação venha a propor a imprescindível substituição da UNFCCC por nova convenção, cujo propósito essencial deveria ser a promoção de instituições apropriadas ao aproveitamento das vantagens oferecidas pela IA a uma promissora dinâmica de descarbonização.

Hoje, o que se precisa é de um arranjo que induza uma pequena esquadra - formada por 57 indústrias e 65 bancos -, a se engajarem definitivamente na descarbonização facilitada pela IA. Para tanto, de nada servem assembleias anuais de quase duzentos países. No lugar delas, o necessário seria obter o engajamento dos trinta governos nacionais que mais têm influência sobre tal esquadra.

Este deveria ser o cerne de um bom “Acordo de Belém”, que também adiasse bastante uma eventual próxima COP da UNFCCC.